

SER OU NÃO SER PROFESSORA, EIS A QUESTÃO: ENTRE DISCURSOS E VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DO CURSO DE FORMAÇÃO EM LETRAS UNEB CAMPUS II

Evani dos Santos Dias¹

Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira

Resumo: A análise que será aqui apresentada tem como base a pesquisa em andamento intitulada *Ser ou não ser professora, eis a questão: entre discursos e vivências de estudantes dos cursos de licenciatura em letras da UNEB campus II*. Define-se como objeto de estudo: os processos experienciais de formação docente em letras na UNEB campus II. Para isso, tomo como colaboradoras para a pesquisa, jovens estudantes dos variados cursos de licenciaturas em letras. Apresento como problema: de que forma os processos experienciais de formação nos cursos de licenciaturas em letras contribuem para as jovens estudantes na decisão de ser ou não ser professora? Dentro dessa problemática destaco, para a construção deste artigo, uma análise sobre a desvalorização docente e como esta contribui para o desinteresse das jovens em seguir a carreira do magistério.

Palavras-chave: Desvalorização docente. Crítica cultural. Professora.

INTRODUÇÃO

Um dos critérios de inclusão que adotei para selecionar participantes para a pesquisa é que fossem mulheres estudantes dos cursos de Letras. Tal critério surge da percepção histórica de que grande parte dos professores de educação básica são mulheres, assim como também como da observação de que estudantes dos cursos de licenciatura em Letras em sua grande parte também são mulheres. Diante de um cenário marcadamente feminino torna-se importante contribuir com uma discussão sobre a condição da mulher como profissional do magistério.

Um breve apanhado histórico mostra como o magistério, enquanto carreira feminina, incorpora elementos da ideologia sobre a domesticidade e submissão da mulher. Entretanto, a presente revisão da bibliografia recente sobre o magistério, de trabalhos elaborados nas instituições mais relevantes do Estado de São Paulo, mostra que os conhecimentos produzidos pelo estudo sobre mulher voltaram-se muito pouco para área de educação (BRUSCHINI, 1988 p. 4).

Segundo Bruschini, um olhar sobre a história do Brasil nos revela que foi somente após a independência que surgiram as primeiras vagas para as mulheres no magistério primário. Como os tutores deveriam ser do mesmo sexo dos seus alunos um espaço para a profissionalização feminina foi aberto ao mesmo tempo em que se ampliava a própria instrução da mulher. Contudo, tal abertura era justificada em nome das funções maternas da mulher.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, identidades e formação de educadores. Orientadora: Prof^ª. Dra. Áurea da Silva Pereira. E-mail: Eva-dias@live.com.

Sob a influência de correntes de pensamento que consideravam a mulher, e somente ela, dotada biologicamente pela natureza com a capacidade de socializar as crianças, como parte de suas funções maternas, e considerando que o ensino de crianças, na escola elementar, era visto como extensão dessas atividades, o magistério, desde o século passado, começou a ser considerado profissão feminina por excelência (BRUSCHINI, 1988, p. 5).

Nenhum fato apontado aqui é novo, mas se faz necessário apontá-los já que são importantes para entendermos a condição da mulher na educação na atualidade, a mulher que mesmo estando em um curso de licenciatura rejeita a ideia do exercício docente ou que até deseja esse ofício, mas sente-se por muitas vezes insegura ou incapaz de exercer tal atividade.

Nessa perspectiva, destaco o processo de desvalorização docente na minha pesquisa e como este contribui para o desinteresse das jovens em seguir a carreira do magistério. Dentro desse processo são notórios discursos no que se refere a salários baixos, falta de recursos e burocracia, falta de reconhecimento, o discurso da violência e agressões, hoje cada vez mais constantes nas escolas, o discurso das dificuldades em fazer o educando se interessar em aprender, o discurso excessivo da professora ora como salvadora da pátria, ao assumir uma caneta e um livro, ora como culpada por tudo de errado que vai mal à educação. Todos esses discursos sustentam um processo constante e crescente de desinteresse das jovens pela carreira docente. Aponto as jovens estudantes entendendo que a história da educação mostra que não é de hoje que a figura da professora é intensamente desvalorizada.

Inicialmente, eram os homens que frequentavam em grande maioria o magistério. Mas, aos poucos essa situação foi mudando, em decorrência de salários baixos a presença de mulheres que aceitavam mínimas remunerações se tornou maciça nas escolas normais, esse fenômeno foi registrado em todas as Províncias do Brasil. Para justificar a saída dos homens do magistério, começaram a aparecer discursos que procuravam tornar “natural” e simplista a inclinação das mulheres para docência. Afirmava-se que elas tinham aptidão para a profissão docente, pois essa passava a ser vista como uma extensão do lar. Assim, a profissão passa a adquirir características marcadamente femininas, tais como, fragilidade, afetividade, paciência, doação, etc. o que servia para legitimar a suposta inferioridade feminina, uma vez que ser professora sempre foi – e ainda é – vinculada ao apoio e a cuidados dirigidos aos alunos.

Na cultura brasileira ser professora é uma missão ou vocação – e não uma profissão – o que também acaba contribuindo para a desqualificação da profissional já que esta acaba sendo vista como cuidadora, que faz seu trabalho por amor e suporta a todo sofrimento e opressão em nome de uma causa. Pensar em como se dá esse processo de desvalorização e os discursos culturalmente disseminados é proporcionar uma possibilidade de mudança nesse cenário.

A desvalorização da profissão docente não aconteceu por acaso no Brasil e com certeza está ligada ao fato de grande parte do quadro de profissionais da educação serem mulheres. As mulheres compõem 81,5% do total de professores da educação básica do país. Em todos os níveis de ensino dessa etapa, com exceção da educação profissional, elas são maioria lecionando. De acordo com dados da Sinopse do Professor da Educação Básica, divulgada pelo MEC (Ministério da Educação) no fim de 2010, existem quase 2 milhões de professores, dos quais mais de 1,6 milhão são do sexo feminino. Isso ocorre, pois, a sociedade brasileira associa a função do professor a características geralmente consideradas femininas, como a atenção, a dedicação, paciência e meiguice e para atender tais requisitos entende-se que não é necessária qualificação profissional, é dom, vocação, instinto, sendo assim, os salários do magistério foram diminuindo, perdendo valor comparado a remuneração em outras profissões fazendo com que o magistério se torne um "gueto feminino". Hoje existem milhares de professoras espalhadas pelo Brasil vivendo múltiplas realidades e tendo em comum: sua desvalorização. "O magistério continua sendo um dos principais guetos femininos, sobretudo em regiões menos desenvolvidas, nas quais a presença de outras oportunidades mais atraentes é reduzida" (BRUSCHINI, 1988, p. 6).

A discriminação contra a mulher tem raízes profundas em toda a história global e pode parecer, na atualidade uma discussão saturada, para alguns até desnecessária, mas permanece nos dias atuais e não pode ser desconsiderada. A profissão docente não tem sido uma área considerada significativa, justamente por estar associada à presença constante da mulher, esse fato reproduz a desvalorização que existe por parte da sociedade em relação à profissional de educação. Claro, que não devemos associar a questão de gênero aqui colocada, apenas como uma questão quantitativa, ou seja, por existirem muitas mulheres no exercício da docência. A discussão vai muito além.

Dentro do exercício da docência a professora assume diversos papéis: mãe, cuidadora, psicóloga, conselheira o que possibilita entender o trabalho da professora como uma identidade em constante construção. Além disso, a professora ainda tem que adaptar seus valores e seus limites com as exigências da realidade de ensino vivendo sentimentos de insatisfação diante da atividade docente que exerce, gerando um conflito entre a idealização do trabalho que gostaria de fazer e as dificuldades do trabalho real todos esses aspectos contribuem para o desinteresse das jovens pela carreira do magistério. Nessa conjuntura, muitas vezes, as jovens em formação docente tentam negar o lugar onde estão inscritas. Para muitas, ser professora significa ser inferior, submissa, presa a um sistema que a obriga a exclusão e a marginalização da sua própria condição como profissional. Este processo de produção de subjetividades se dá principalmente pela representação, essas representações (através da linguagem, da família, dos equipamentos, dos dispositivos que nos

rodeiam) são injetadas nas pessoas e sociedades e irão fazer com que se dê a produção subjetiva dos mesmos durante sua história. Guattari aponta como se dá a produção de subjetividades sob uma lógica do capitalismo.

Há relação direta entre o que nos chega como informação e práxis, com as produções de significados oriundas das máquinas de controle social que criam discursos e o massificam de modo a favorecerem-se. Nossa visão e percepção de mundo são orientadas e controladas (GUATTARI, 1995, p. 26).

Dentro da discussão sobre a desvalorização da profissional docente Guattari ganha importância, pois conduz a uma análise dessa desvalorização em que nossa sociedade está imersa, ocupando-se de criar as condições necessárias para que o modo de produção capitalista se fortaleça cada vez mais. Na concepção de Guattari, ainda não existe um indivíduo singular, mas a singularização é um ato necessário na vida em coletivo. Deve haver, na realidade, uma existência múltipla, rizomática, entre as produções subjetivas e singulares dos indivíduos, mas sem ocupar-se de disputas.

O público, o privado, o individual e o coletivo, parecem se confundir na sociedade contemporânea, do modo a nos fazer pensar que essa subjetividade produzida sob a lógica do capitalismo desterritorializou o indivíduo, por isso a necessidade de se investir em processos de singularização, a fim de retornarmos àquilo que é próprio do indivíduo (GUATTARI, 1995, p. 63).

A lógica capitalista impõe as jovens em formação docente viver um movimento dividido entre o ser e/ou não ser professora presentes em suas construções identitárias muitas vezes sufocadas, quando não negadas dentro de processos constantes de desvalorização. Diante disso torna-se necessário investir em processos formativos que valorizem o ser professora questionando os discursos já institucionalizados “questionar os desejos e anseios padronizados como norma de uma vida que já tem suas fases determinadas e naturalizadas, sem possibilidades de fuga do padrão, sem ser submetido a repulsa ou condenação” (GUATTARI, 1995, p. 43).

As práticas discursivas, impostas pelo sistema capitalista, produzem efeitos de sentidos que buscam a normalização da desvalorização da profissional docente para que possa assim sufocar uma formação que vá além da reprodução de um discurso opressor e desmotivante. Segundo Guattari, o Estado é o meio de controle e não de representação coletiva. Ele delibera sobre a experiência de um grupo e garante que os outros grupos sejam disciplinados. Assim, torna-se urgente, a necessidade de se promover uma mudança que nos leve para além do capital, “no sentido genuíno e educacionalmente viável do termo” (MÉSZAROS, 2008, p. 25). Istvan Mészáros em sua concepção de uma *Educação para além do capital* nos conduz a perceber que é preciso ir além dos limites impostos pelo capitalismo. No que se refere ao processo de desvalorização docente, fica a clareza de que as

possíveis soluções não podem ser meramente superficiais, mas devem possibilitar mudanças que abarquem a totalidade das práticas educacionais da sociedade.

Ir além do capital exige a compreensão de que apenas uma ampla concepção de educação pode garantir a mudança nesse cenário. A defesa da valorização da profissional docente é importante tanto para a mudança no sistema educacional, que hoje se apresenta como um sistema reprodutor do capitalismo, quanto para a autonomia dos indivíduos envolvidos na busca pela construção de uma nova ordem social “romper com a lógica do capital na área de educação equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa concreta abrangente” (MÉSZAROS, 2008, p. 47).

Diante dessas construções ideológicas é preciso espaços acadêmicos que desordenem a “ordem interna” de um sistema que oprime, aliena e superficializa o conhecimento, que induz as jovens em formação docente, a assumirem para si uma rejeição a serem professoras ajudando a promover uma visão negativa e estereotipada sobre o exercício da docência fortalecendo a cultura da desvalorização da profissional do magistério.

Pensando na desvalorização docente como um processo cultural é importante compreender-se do que se trata a ideia de cultura que, segundo Raymond Williams (2011), seria os resultados de meios de produção, que são materiais, que concretizam relações sociais complexas envolvendo instituições, convenções e formas. O termo “cultura” que, a partir da perspectiva teórica de Williams, deve ser entendida “como o sistema de significações mediante o qual necessariamente [...] uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 2011). Assim, não só o campo das artes, mas as várias atividades de apreensão da realidade dependem de alguma noção de cultura.

[...] Cultura foi a maneira pela qual se revelaram o processo da educação, a experiência da literatura e - para alguém que se transferiu de uma família de classe trabalhadora para o Ensino Superior - a desigualdade. (WILLIAMS, 2011, p. 51)

[...] há significados muito diferentes na própria ideia de cultura, aos quais se reage simultaneamente, mas que claramente deveriam ser diferenciados [...] pareceu-me que o problema da cultura era principalmente um da inter-relação entre escritor e público [...] determinado por ideias de relação entre escritor e público que agora me parecem limitadas". [...] é fato que a mobilidade entre classes, entre condições de vida e estilos de vida, com pelo menos algum impacto característico do Ensino Superior, pôs o foco em questões que pareciam centradas na ideia de cultura e por si mesmas uma maneira de reunir todos os outros aspectos da vida, que se acredita ser a experiência em geral (WILLIAMS, 2011, p. 52).

As professoras fazem parte da sociedade e nela atuam de acordo com parâmetros culturais. Ser professora constitui-se com base nos efeitos das relações de poder, no que se refere aos valores e produções discursivas como gênero, etnia, crenças e religiões construídos nos discursos, assim

torna-se importante constituir o espaço da subjetividade muitas vezes desconsiderada na formação acadêmica.

A construção e produção de diferenças e desigualdades é fundamentalmente, uma luta em torno da atribuição de significados, construída nas relações de poder, pois esses significados, conforme afirma Louro (2004, p. 205), “são produzidos em meio às relações de poder – não apenas porque eles expressam posições de poder, mas também porque têm efeitos de poder”. Para Foucault (2012, p. 10), o poder está para além das dominações globais e centralizadas que se pluralizam e se difundem de modo homogêneo em setores da vida social, mas como tendo existência própria e formas específicas. A sociedade, por sua vez, conforme salienta Foucault (2004), sem relações de poder é uma abstração, não existe. “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1998, p. 8).

Refletindo sobre essas afirmativas e, pensando a Universidade como um dos lugares possíveis para a construção de novos saberes e, desse modo, ferramenta imprescindível para construção de novas probabilidades de reflexões sobre a formação docente, para novas possibilidades de leituras de mundo e, claro, para a construção de novos posicionamentos críticos é que discutir sobre a desvalorização docente numa perspectiva cultural se faz necessário para incitar novas reflexões, outros debates acerca do referido tema, sua importância e suas implicações e assim proporcionar outros posicionamentos críticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão aqui proposta torna-se cada vez mais atual e necessária dentro de uma perspectiva em crítica cultural, pois na atual conjuntura política presente no país, que aponta para um modelo ultrapassado que fragmenta e empobrece a formação, que traz de volta uma concepção elitista da educação e que não contempla medidas necessárias para solucionar problemas estruturais pensar criticamente torna-se algo precioso e necessário.

Fazer avançar uma discussão sobre a desvalorização docente trazendo questões como: quais os interesses em torno da desvalorização de professoras? Quais as consequências de uma produção da docência de modo negativo para a profissão docente? Favorece e amplia o olhar sobre a Crítica Cultural promovendo uma ação democrática que garante ao sujeito refletir e conhecer sobre os processos que contribuem para a sua formação.

REFERÊNCIAS:

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev. 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, *Introdução: Rizoma*. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 7-37.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS, 2008.

SUELY. Subjetividade e história. In: *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – refletindo sobre o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. *Estudos feministas*. n. 1-2, jul./dez. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e poder. In: *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Trad. Iza Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

WILLIAMS, Raymond. Os usos da teoria da cultura. Trad. André Glaser. In: *Política do modernismo*. Editora Unesp, 2011.